



ESCOLA DE ENFERMAGEM MADRE JUSTINA INÊS: PROFISSIONALIZAÇÃO E ENSINO SUPERIOR EM CAXIAS DO SUL - (1957 a 1967)

Edlaine Cristina Rodrigues de Almeida¹

Terciane Ângela Luchese²

Resumo: o presente estudo é um recorte da dissertação em fase de conclusão, que tem como objetivo analisar o processo de criação e consolidação da Escola de Enfermagem Madre Justina Inês. Essa escola foi a primeira instituição formadora de enfermeiras profissionais na região. Este estudo foi pautado nos referenciais da História Cultural e metodologicamente procedeu-se a leitura e análise dos documentos escritos e diversificados sobre a instituição. O marco inicial em 1957 demarca a inauguração e o início da formação das alunas no curso de graduação em enfermagem, em Caxias do Sul, e o marco final, decorre da incorporação da Escola Madre Justina Inês à Universidade de Caxias do Sul, no ano de 1967; juntamente com mais quatro escolas de nível superior: a Faculdade de Economia, a Faculdade de Filosofia, a Escola de Belas Artes e a Faculdade de Direito. Esta pesquisa tem o intuito de demonstrar uma Escola de Enfermagem com características fortes no viés religioso, moral e disciplinar.

Palavras-chave: história da enfermagem, instituição de ensino superior e saúde.

Considerações iniciais

O presente texto tem como propósito tecer considerações acerca do contexto de instalação e consolidação da Escola de Enfermagem Madre Justina Inês, em Caxias do Sul.

Vale ressaltar inicialmente que os sistemas de saúde e educação no contexto mundial, ao longo da sua história passaram por processo com mudanças e permanências apoiadas no cenário de crescimento dos países, construídas e/ou modificadas em cada momento sócio – político - cultural.

A Escola de Enfermagem Madre Justina Inês, corte espacial desse estudo, demarca o início da profissionalização da enfermagem na cidade de Caxias do Sul, no ano de 1957, sob a

¹ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós – Graduação da Universidade de Caxias do Sul/RS – Linha da História e Filosofia da Educação. Professora do Centro de Ciências da Saúde. E-mail: ecralmeida@ucs.br

² Docente do Programa de Pós – Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul/RS. taluches@ucs.br

liderança de um grupo de religiosas da Congregação das Irmãs de São José. E o marco final decorre da incorporação da Escola Madre Justina Inês à Universidade de Caxias do Sul, em 1967, juntamente com mais quatro escolas de nível superior: a Faculdade de Economia, a Faculdade de Filosofia, a Escola de Belas Artes e a Faculdade de Direito.

De modo geral, em relação às práticas cotidianas realizadas internamente na escola, há um conjunto de normas que modela o ser e o fazer do sujeito, que pode ser abordado a partir da proposta da História Cultural, consoante Pesavento quando refere que

decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo. [...] O historiador vai tentar a leitura dos códigos de um outro tempo, que podem se mostrar, por vezes incompreensíveis para ele, dados os filtros que o passado interpõe. (2008, p. 42).

Na elaboração do texto, muitas vezes, o historiador tem a pretensão de relatar o passado, construindo uma narrativa de temporalidade, com o objetivo de erigir suas representações em cada época. Nesse viés, Chartier se expressa em relação à natureza da história cultural da seguinte forma:

trata-se de identificar o modo como em diferentes lugares e momentos, determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler, [sendo necessário] considerar os esquemas geradores das classificações e das percepções próprias de cada grupo ou meio como verdadeiras instituições sociais, incorporando sob a forma de categorias mentais e de representações coletivas as demarcações da própria organização social (1990, p. 25).

Neste estudo as fontes foram constituídas de documentos fotográficos e documentos escritos de caráter oficial, como: relatórios, correspondências, atas, discursos relativos à temática e de acordo com o recorte temporal em estudo. Foram também verificados livros, artigos, dissertações e teses referentes ao assunto, e a leitura de jornais da época. Foram encontrados alguns relatos impressos de médicos e leigos, os quais foram publicados, apresentando a progressão do processo de cura, apoiados no trabalho de caridade das religiosas e dos próprios leigos.

Em face de todo esse contexto, consideram-se as fontes como importante matéria-prima para a construção do conhecimento histórico e a elaboração do texto de pesquisa, embora a reconstrução da história exija do pesquisador a sensibilidade de manter um diálogo com os documentos.

Deve-se, portanto, ter o entendimento de que a construção do conhecimento histórico não é apenas criar algo novo ou superar o saber já existente acerca de determinado assunto,

mas ter a oportunidade de refletir sobre o tema e mostrar que a interpretação histórica é uma construção social elaborada pelos homens em determinados contextos.

Assim,

o historiador precisa entender as fontes em seus contextos, perceber que algumas imprecisões demonstram os interesses de quem as escreveu. A descoberta de mudanças de tendências pode ser interessante, mas pode significar erro de redação, erro de cálculo, pura distração de quem escrevia. [...] O historiador não pode julgar que o documento é a verdade [...]. Ser historiador exige que se desconfie das fontes, das intenções de quem as produziu, somente com o olhar crítico e a correta contextualização do documento que se tem em mãos. (PINSKY, 2005, p. 64).

Escola de Enfermagem Madre Justina Inês: formando enfermeiras para Caxias do Sul e região

A formação de enfermeiras surgiu a partir de um estudo realizado em uma Assembléia da Sociedade Caritativo-Literária São José, na cidade de Garibaldi – Rio Grande do Sul, sede desta sociedade, em 1954, sobre a necessidade de fundar uma escola de enfermagem do padrão Ana Nery, em Caxias do Sul. Como resultado desta análise em 1º de março de 1957, a Escola de Enfermagem de nível superior, Madre Justina Inês iniciou suas atividades (BRUGALLI, 1995).

As Irmãs de São José iniciaram seus trabalhos em Caxias do Sul, com a fundação e a administração da Escola Normal São José. Posteriormente, atuaram no Hospital Nossa Senhora de Pompéia, no Hospital Nossa Senhora da Saúde e em mais três escolas primárias gratuitas. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1957).

Da Ata 118, de 25 de agosto de 1954, da Assembleia Geral da Sociedade Caritativo-Literária São José, realizada em Garibaldi, foram retirados os seguintes tópicos, conforme cita Brugalli:

A senhora presidente expôs as senhoras sócias o motivo daquela reunião o qual era estudar a imperiosa necessidade de fundar uma escola de enfermagem do padrão “Ana Nery”. [...] Apresentou as propostas que tivera em Caxias do Sul: 1º. A Sociedade Caxias - Hotel Ltda, pôs a venda aquele estabelecimento [...]. 2º. A Sociedade Damas de Caridade do Hospital Nossa Senhora de Pompéia prontifica-se em oferecer o Hospital para prática das alunas que cursariam a escola de enfermagem. [...] Em vista do seu elevado alcance social, ficou resolvido que se levaria a efeito a fundação da escola. Decidiu-se a compra da casa, material para as salas de aula, etc., ficando a senhora presidente encarregada de: 1º. Assinar o contrato que deveria regular as relações [...]. 2º [...] verificar as exigências da Legislação em vigor, a fim de obter a equiparação à Escola de Enfermagem “Ana Nery”; 3º. requerer ao governo federal a devida autorização para o funcionamento da escola no ano de 1956. A senhora presidente propôs dar à escola o nome de “Escola de Enfermagem Madre Justina Inês” – o que foi unanimemente aprovado. (Apud BRUGALLI, 1995, p. 45-46, grifo original).

Nessa época, as Irmãs exerceram múltiplas tarefas, conforme ressalta Pizani principalmente nas relações com os médicos, que, na época, eram considerados os detentores do saber, e a comunicação que com eles era estabelecida foi dominada pela ideia do *saber* igual a *poder*, a qual complementa:

As freiras tiveram que conviver com atitudes de autoridade e submissão em três níveis: o poder clerical, o poder médico e o poder da própria congregação. E essa constatação indica que o trabalho das religiosas deve ser focado não somente sob o aspecto caritativo e misericordioso, mas também como parte de uma estrutura de controle social. O regramento e a disciplinarização dos corpos e das mentes faziam parte do ordenamento social proposto pela Igreja. Já as autoridades governamentais tinham na medicina social por meio da educação higiênica (física, moral, intelectual e sexual) uma forma de tratar e regular as famílias. (2005, p. 3).

Na área da saúde, as Irmãs de São José procuravam levar ao paciente fé, esperança, caridade e oração, sendo, pois, uma presença evangelizadora.

As normas referentes às enfermeiras, segundo as Constituições das Religiosas de São José de Chambéry, recomendavam:

Será quando possível pessoa de boa saúde, diligente, discreta, paciente, bondosa e, mais de tudo, deverá ser toda caridade, tanto no serviço dos doentes como para suportar os pesares e as irritações que a doença pode provocar nos mesmos e distraí-los com doçura e alegria sem mostrar cansaço em servi-los. (Apud MARTELLO, 1986, p. 56).

Na área da saúde, foram enviadas diversas Irmãs do Rio Grande do Sul ao Estado de São Paulo para realizar o curso superior de Enfermagem. Após a conclusão, retornavam para auxiliar nos hospitais, culminando com o auxílio na criação e no ensino na Escola Superior de Enfermagem Madre Justina Inês, em Caxias do Sul, formando um número significativo de Irmãs e leigas de nível superior para trabalhar nos hospitais.

Aos 25 de agosto de 1954, reuniram-se as associadas da Sociedade Caritativo-Literária São José, em Assembleia Geral, na cidade de Garibaldi, conforme Ata 118, da qual se destacam alguns tópicos:

A senhora presidente expôs às associadas o motivo da reunião que era de fundar uma escola de enfermagem do padrão “Ana Nery”. A Sociedade das Damas de Caridade prontifica-se em oferecer o Hospital Nossa Senhora de Pompéia, para a prática das alunas que cursariam a escola; entrou em discussão o assunto e depois de muita ponderação em vista de seu elevado alcance social, ficou resolvido que se levaria a efeito a fundação da Escola; dar os passos para atender às exigências da Legislação em vigor, a fim de obter a equiparação à Escola de Enfermagem “Ana Nery”; requerer ao governo federal a devida autorização para o funcionamento da escola no ano de 1956; a senhora presidente propôs a confirmação do nome da Escola Madre Justina Inês. (Apud MORESCHI; FÁVERO, 1998, p. 174).

A Escola de Enfermagem Madre Justina Inês foi constituída pela Sociedade Caritativo-Literária São José, com base no Decreto 775/1949, de 6 de agosto de 1949 e Lei 27.426/1949³ que regulamentou o ensino de enfermagem no Brasil. A Escola de Enfermagem Madre Justina Inês, iniciou as atividades em sede própria à Rua 20 de Setembro, 2311, a 5 minutos do hospital-escola (Hospital de Caridade Nossa Senhora de Pompéia).

A entidade mantenedora da Escola de Enfermagem Madre Justina Inês era a Sociedade Caritativo-Literária São José, “sociedade civil de benemerência, sem intuito de lucros e constituída em pessoa jurídica de direito privado desde 1904”. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1957, p. 2).

Uma das finalidades da implantação da Escola de Enfermagem Madre Justina Inês, em Caxias do Sul, era suprir a grande deficiência de enfermeiras diplomadas em todo o Rio Grande do Sul e, particularmente, na Região de colonização italiana, onde os hospitais já estavam se tornando numerosos e, também, aprimorar a assistência aos pacientes atendidos nos hospitais da cidade e região, com o objetivo de formar um pessoal de enfermagem habilitado e atualizado para dispensar cuidados assistenciais nas instituições de saúde.

Foi realizada uma reunião em 18 de abril de 1955, nas dependências do Hospital Nossa Senhora da Saúde, com o propósito de organizar a escola. As atividades foram iniciadas com a elaboração de relatório, exigido pela regulamentação federal, solicitando autorização para o funcionamento da escola ao Ministério da Educação e Cultura. Após, foi organizada uma comissão responsável pela elaboração do Regimento Interno, referindo: deveres, direitos, currículos, atividades didáticas, corpo docente e discente.

No dia 19 de dezembro de 1956, ocorreu a primeira reunião dos membros do Conselho Técnico Administrativo da Escola, com apresentação da diretora da escola, Irmã Sebastiana Maria Pegoraro, sendo nomeada por um período de dois anos, bem como a leitura de telegrama proveniente da Diretoria de Ensino Superior, que concedeu autorização ministerial à escola para funcionamento. Segue, na seqüência a Portaria que autorizou o funcionamento da escola:

³ Após a Segunda Guerra Mundial, no Brasil, ocorreu um período de redemocratização, e o ensino passou a ser ministrado de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). As escolas de enfermagem passaram a ser regulamentadas pelo Ministério da Educação e Saúde, através da Lei 775/1949 e pelo Decreto 27.426/1049 (BRASIL, 1974), que dispõem sobre o currículo dos cursos e as condições para preparação de enfermeiros, estipulando a duração de quatro anos e a exigência de conclusão do atual Ensino Médio. Nesse mesmo ano, foi regulamentado o Curso de Auxiliar de Enfermagem e, desde esse período até 1961, as escolas tentaram se adaptar às necessidades do mercado de trabalho, (DANTAS; AGUILLAR, 1999).

Gabinete do Ministro – Segunda-feira, 10 de dezembro de 1956. Portaria n. 432, de 5 de dezembro de 1956.

O Ministro de Estado da Educação e Cultura, de acordo com o disposto no artigo 10 da Lei n. 775, de 06 de agosto de 1949, e atendendo ao que consta do processo n. 101. 494 – 1955. – Artigo único – É concedida autorização para funcionamento do curso de enfermagem da Escola de Enfermagem Madre Justina Inês, mantida pela Sociedade Caritativo-Literária São José e com sede em Caxias do Sul, no Estado do Rio Grande do Sul. (a) Clóvis Salgado. (RELATÓRIO DE VERIFICAÇÃO DE RECONHECIMENTO, 1956, p. 12).

A primeira reunião de professores ocorreu em 21 de dezembro de 1956, em uma sala no interior da escola, com a presença de diversos professores⁴ da instituição. No primeiro momento, foi realizada a leitura da ata da primeira reunião do Conselho Técnico-Administrativo; em seguida, foi realizada a leitura do Regimento Interno já aprovado pelo respectivo conselho. Nessa reunião, ficou estabelecido que, para uma melhor eficiência no preparo das futuras enfermeiras, a diretora, instrutoras (ou professoras) julgaram oportuno propor aos médicos que os medicamentos fossem prescritos. Foi solicitado, também, a necessidade de preenchimento do prontuário médico e a determinação de um horário para visita aos doentes, ocorrendo a sugestão de serem realizadas as visitas nos turnos da manhã ou da tarde, evitando o possível de realizá-las no turno da noite. Em seguida, foi feita a leitura do contrato firmado entre a direção e os professores, sendo aprovado pelos presentes. Procederam, nesse momento, à eleição dos professores que deveriam fazer parte da congregação da escola, sendo eleitos os Doutores Carlos Felipe Spinato e Virvi Ramos. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1957).

Os jornais da cidade enalteceram a inauguração da escola, no ano de 1957, como uma forma de cuidado dispensado ao próximo com amor, sendo considerado por muitos um enigma a enfermagem moderna, porém a escola tinha o papel de tornar conhecido o valor social da profissão. Publicaram que a formação das enfermeiras (nos aspectos preventivos e curativos) deveria ser oferecida conforme a moral católica, de modo a realizar o ideal evangélico. A escola tinha como objetivo a formação integral das enfermeiras para desempenharem a “mais bela e nobre missão.”

A instalação da Escola de Enfermagem Madre Justina Inês, especializada no trabalho de enfermagem, significou e representou uma importante contribuição para formação dos profissionais na área da saúde em Caxias do Sul, considerada uma das poucas no Rio Grande

⁴ Estavam presentes os seguintes professores conforme registro em Ata da Primeira Reunião de Professores da Escola de Enfermagem Madre Justina Inês: Dr. José Brugger, Irmã Sebastiana Maria Pegoraro (diretora), Dr. Darvin Gazzana, Dr. José Belardinelli, Dr. Carlos Felipe Spinato, Dr. Ivan Barbosa Netto, Dr. Darcy Mário Pezzi, Irmã Luisa Aurora Guimarães Netto, Irmã Maria Cândida, Irmã Rosa Filomena Piccoli, Irmã Hortência Aver e Irmã Margarida da Cruz Damaren. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1957, p. 25).

do Sul e uma das primeiras no interior do Estado. A notícia publicada no jornal *Pioneiro*, em 23 fev. 1957, corrobora o acima dito:

Fruto da abnegação das Reverendas Irmãs de São José, aliado à constante e precípua dedicação do corpo médico de Caxias do Sul. Este ato significa e representa um passo a mais na evolução intelectual e profissional de Caxias do Sul que ganha assim uma escola de nível superior especializada no trabalho de enfermagem e assistência médica. Uma das poucas do Rio Grande do Sul e das primeiras do interior do Estado, a Escola de Enfermagem Madre Justina Inês, vem colocar Caxias numa posição de destaque e na confirmação de que acompanhando passo a passo o progresso industrial, comercial e agrícola, também no setor da assistência e da cultura, não se tem descurado. (PIONEIRO, 1957).

Segundo o Relatório de Atividades da Escola de Enfermagem Madre Justina Inês (1957), suas atividades iniciaram com uma aula inaugural em 1º de março de 1957, autorizada pelo Ministério da Educação e Cultura, conforme Portaria Ministerial 432, de 5 de dezembro de 1956, publicada no Diário Oficial da União de 10 de dezembro de 1956. Foi realizada, nessa data, uma santa missa em honra ao Espírito Santo, no salão nobre da Escola de Enfermagem, às 20h40min. A sessão solene teve início com o Hino Nacional e, após, o Padre Vitorino Sanson, atuante na época, proferiu as seguintes palavras acerca do “Verdadeiro e Sagrado Ministério da Enfermagem”:

A enfermagem entra no apostolado de caridade, e não é simples profissão, mas um Sagrado Ministério na expressão do Santíssimo Papa Pio XII. A enfermeira como o médico trata com pessoas humanas, daí as disposições naturais necessárias às quais devem ser cientificamente cultivadas. Não só, mas devem ser cristãmente elevadas, porque a enfermeira deve ser respeitosa, veraz, moralmente firme [...]. Ninguém melhor que os médicos sabem apreciar e dar valor à utilidade de um curso eficiente para formação de enfermeiras. As nossas alunas devem saber que profissão escolheram. Devem saber que para serem ótimas enfermeiras, precisam ter vocação. É uma bela profissão, mas requer sacrifícios [...]. A Igreja como a enfermagem segue a ordem e o exemplo do Mestre, no alívio das dores da humanidade. Ardentes votos para que as enfermeiras da Escola que hoje foi inaugurada também se tornem verdadeiras heroínas da humanidade. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1957, p. 18-19).

Após o ato cerimonial, foi proferida palestra por um professor da escola, com o tema *Assepsia* (história, assepsia na cirurgia, etimologia da palavra, material asséptico). Ao término da solenidade, as alunas entoaram o *belo e expressivo* Hino das Enfermeiras, conforme consta no Relatório de Atividades da Escola, no ano de 1957.

Os rituais da profissão, institucionalizados desde a inauguração do curso de Enfermagem na Escola de Enfermagem Madre Justina Inês, entendidos como “modalidades simbólicas de transfiguração da realidade social” (BOURDIEU, 2001), tiveram, sobretudo, a função de instituir e consagrar uma nova ordem simbólica, uma vez que os rituais deram visibilidade à formação de uma nova profissão na cidade que aspirava um reconhecimento

social. A eficácia simbólica dos rituais reside na possibilidade de proclamar a identidade de uma profissão.

Antes mesmo de “experienciar” a profissão, as alunas já começavam a incorporar os elementos simbólicos que circulavam a Escola de Enfermagem Madre Justina Inês sobre o ser-enfermeira. Perante as colocações de Sahlins, ocorre um diálogo entre as categorias recebidas e os conceitos percebidos, entre o sentido cultural e a referência prática:

A experiência de sujeitos humanos, especialmente do modo como é comunicada no discurso, envolve uma apropriação de eventos em termos de conceitos *a priori*. A referência ao mundo é um ato de classificação no curso do qual as realidades são indexadas a conceitos em uma relação de emblemas empíricos com tipos culturais. (1999, p. 182).

Na análise dessa primeira aula inaugural verificou-se que foram vários os emblemas e rituais⁵ apropriados pela escola que, supostamente, transmitiram algum significado para as alunas. Entre eles os rituais religiosos (missa e discurso do Padre Vitorino), entonação do Hino Nacional e Hino da Enfermeira e recepção do manto.

Esses rituais tiveram a função simbólica de solenizar o momento e institucionalizar a imagem das futuras enfermeiras, dando visibilidade à futura profissão. Em análise detida ao teor das palavras do Hino da Enfermeira, é evidenciada uma forte influência católica, bem como alguns traços na identificação da profissão naquela época. O hino é um símbolo do que a enfermagem representava para aquele momento, representando, de certo modo, fatos de sua história, do cotidiano ou da sua cultura. O hino é uma forma de manifestação social que aproxima os grupos por suas identidades.

O ritual da recepção do manto representava a inserção efetiva da aluna ao corpo discente da escola, simbolizando a mística da enfermagem e, ao mesmo tempo, servia como estratégia de igualdade, conferindo obrigações, no plano simbólico, a quem o usava, determinando o pertencimento ao grupo. *Reforçava o voto de compromisso* com a futura profissão. Esse *revestimento católico* conferia às mulheres uma característica de boa moral. A utilização do manto é uma maneira de ocultar a identidade, o que faz as pessoas se reportarem à imagem das *Filhas de Maria* na religião católica, expressando o *habitus* católico. A utilização do manto não modificava o comportamento das alunas, porém era imposto como um símbolo que deveria ser, obrigatoriamente, utilizado para que elas não *esquecessem de como deveria ser o comportamento na escola* e nos locais de estágio.

⁵ Ritual é um conjunto de atos formalizados, expressivos e portadores de dimensão simbólica que utiliza como recurso um sistema de linguagens e comportamentos específicos, bem como objetos emblemáticos, cujo sentido representa um bem simbólico do grupo. (SEGALLEN, 2002).

Conforme o artigo 3º da Portaria 105, de 2 de setembro de 1946, o limite autorizado de matrículas por série era de 21 alunas, porém o número total de matrículas⁶ realizadas na 1ª série (primeiro período de 1957) foi de oito alunas. O curso correspondia a três séries (1ª série, 2ª série e 3ª série), sendo equivalente a três anos de curso. A escola funcionava em regime de internato, e semi-internato e todas as alunas recebiam gratuitamente ensino, pensão e roupa lavada.⁷ As alunas permaneciam na escola em estudos, por um período de sete horas diárias, no restante do tempo permaneciam nas dependências da escola (jardim, quarto, sala e biblioteca).

Conforme o Relatório de Atividades (1957), havia a presença de alunas provenientes de outras localidades, como: Santa Vitória do Palmar, São Marcos, São Jerônimo, Nova Pádua e Vila Pilar (Distrito de Garibaldi). Essa situação justificava o sistema da escola com instalações de internato e semi-internato, pois os pais que moravam no interior ou em outros municípios não permitiam que suas filhas se hospedassem em casa de famílias desconhecidas (preocupação na época com as famílias metodistas, consideradas inimigas dos católicos) e muito menos em pensões, por serem zelosos pela integridade moral dos filhos, *principalmente das filhas*, os quais as conservavam longe de maus companheiros, vícios e divertimentos ilícitos, seguindo os princípios cristãos e viver a fé herdada de seus pais. De certo modo, para direção da escola, era interessante e importante permanecer com as alunas na escola, devido à vigilância contínua sobre as alunas e até mesmo para mantê-las em ambiente supostamente disciplinado (horário para acordar, almoçar, dormir, descansar) e acompanhar os modos de comportamento nas consideradas horas livres. Conforme Muniz (2003), devido a isso, surge uma nova mulher, que passa a transitar em espaços externos ao da família, mas sob estrito controle.

Nos registros encontrados, o ambiente da Escola de Enfermagem Madre Justina Inês era considerado pelas alunas e professoras bem-equipado e moderno para a época, possuía refeitório, quartos, banheiros, capela, salas de aula, laboratórios para proporcionar às alunas internas e semi-internas um lugar com conforto, propício à aprendizagem. Os ambientes

⁶ O ingresso ao curso era realizado mediante concurso de habilitação à base do curso ginasial com apresentação dos seguintes documentos: certidão de registro civil, que prova a idade mínima de 16 anos e máxima de 38 anos; carteira de identidade; atestado de sanidade física e mental; atestado de vacinação antivaríola; atestado de idoneidade moral; atestado odontológico; abregografia; três figuras 3x4; certificado de conclusão do Curso Ginasial ou Comercial (duas vias) ou diploma do Curso Normal; histórico escolar (duas vias); declaração dos pais ou responsáveis autorizando a candidata a fazer o curso; exames de saúde (reação do Mantoux – para tuberculose, reação de Wassermann – para sífilis, hemograma; exame comum de urina; exame de fezes). A inscrição seria efetuada mediante o preenchimento de todos os requisitos. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1957).

⁷ O horário e o tipo de refeição fornecido eram os seguintes: café-da-manhã – 7h; lanche – 10h; almoço – 12h; lanche da tarde – 16h e jantar – 19h.

compartimentados estavam em consonância com as prerrogativas da época, e os espaços obedeciam às exigências em relação à higiene nos aposentos da escola, conforme registros documentais.

Na Escola havia instalações para a realização de Educação Física das alunas, pois era considerado *mister* que a aluna de enfermagem adquirisse resistência física para prepará-la para a vida profissional, que além de exigir um enorme dispêndio de energia, a expõe a contágios. Em vista disso, havia, no horário da escola, um tempo destinado para exercícios físicos⁸ ao ar livre.

A Escola Normal São José emprestou o laboratório de química, os gabinetes de física e de história natural e também a biblioteca. O Hospital Nossa Senhora de Pompéia colocou à disposição o laboratório de análises clínicas e os outros setores de internação. Vale ressaltar que o corpo de enfermagem dessa instituição era composto, na época, por religiosas da Congregação de São José.

Conforme os Relatórios de Atividades (1957), o interesse das alunas pelo ensino era notável, o que podia ser provado pelo número reduzido de faltas às aulas, fato que ocorria somente nos casos de moléstias. Durante o primeiro ano de funcionamento da escola, não houve repetências e, no ano de 1958, só foi registrada uma desistência por motivo de doença.

Em 1959, a Inspectora do Ensino Federal, Professora Maria Thereza Vilhena de Moraes, apresentou ao Ministério, através da Diretoria do Ensino Superior, o relatório de verificação do funcionamento para fins de reconhecimento da Escola de Enfermagem Madre Justina Inês. A conclusão do relatório foi a seguinte:

Pelo exposto e diante das condições de pessoal de enfermagem, ensino e supervisão das alunas, número de leitos hospitalares, instalações da Escola e do Hospital, material didático existente, etc., somos pelo reconhecimento da Escola de Enfermagem Madre Justina Inês. A Comissão verificadora: Maria da Glória Leite Rozas, Neya Machado da Silva, Theresinha da Costa Ávila. (BRUGALLI, 1995, p. 56).

Com este decreto foi confirmado o reconhecimento da existência e do funcionamento da escola, que atuou formando enfermeiras de “alto padrão”:

Atos do Poder Executivo – Ano XCVIII – N. 268
Terça-feira, 24/11/1959
Decreto N. 47.246 de 16/11/1959
Concede reconhecimento ao Curso de Enfermagem da Escola de Enfermagem
“Madre Justina Inês”

⁸ Nas áreas cobertas e pátios da Escola Normal São José, havia à disposição das alunas da Escola de Enfermagem Madre Justina Inês aparelhos para a realização de exercícios.

O presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, item I, da Constituição, e nos termos do artigo 14 da Lei n. 775, de 06/08/1949, decreta:
 Artigo único: é concedido reconhecimento ao Curso de Enfermagem da Escola de Enfermagem Madre Justina Inês, mantida pela Sociedade Caritativo-Literária São José e situada na cidade de Caxias do Sul, no Estado do Rio Grande do Sul.
 Rio de Janeiro, 16/11/1959, 130º da Independência e 71º da República.
 Juscelino Kubitschek
 Clóvis Salgado – N. 37.001 – 19/11/1959. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1959).

A formatura da primeira turma de enfermeiras da Escola de enfermagem Madre Justina Inês, ocorreu em 28 de fevereiro de 1960, com um total de seis formandas (duas pararam o curso por motivos de saúde), no salão nobre do Colégio São José, em Caxias do Sul, às 20h30min. O paraninfo da turma foi o Bispo Dom Benedito Zorzi, que, entre outras palavras, proferiu as seguintes:

As enfermeiras têm como vocação principal a assistência ao indivíduo, quando enfermo. Quando falamos da profissão de um médico ou de uma enfermeira, como é o caso, chegamos a afirmar, que estas pessoas exercem um sacerdócio, quando falamos dessas heróicas Irmãs de Caridade, temos expressões como esta “anjos de caridade”, que não medem sacrifícios pelos pobres enfermos, a cuja cabeceira estão dia e noite, esquecidas de si, sempre com uma palavra de conforto nos lábios e com um sorriso mais do céu do que da terra [...]. Concluimos, felicitando as paraninfadas pela vitória conseguida com seu esforço. Felicitamos suas famílias e suas mestras. E lhes dizemos: Tudo para o doente com amor, com amor cristão, com esse amor que na pessoa do que vê o Cristo que sofre, não esquecendo que é maior prevenir o mal do que dar-lhe a cura. E por isto: Para o próximo tudo com amor, com o amor haurido na caridade de Nosso Senhor, que nos amou até o extremo. (BRANDALISE, 1988, p. 116-118).

As formaturas começaram a ocorrer frequentemente,⁹ colocando no mercado de trabalho enfermeiras padrão para contribuírem com seu trabalho nas instituições de saúde da cidade e região. Os ritos de formatura foi uma das maneiras encontradas de publicizar a imagem da enfermeira na época. Os rituais de colação de grau da Escola de Enfermagem Madre Justina Inês sempre corresponderam a um momento e a um espaço privilegiados, pois congregavam pessoas de diferentes lugares da sociedade, tornando o grupo consagrado diante

⁹ Conforme o livro de registros de atividades da Escola de Enfermagem Madre Justina Inês, as primeiras formaturas ocorreram nas seguintes datas: no dia 21 de dezembro do mesmo ano da primeira formatura – 1960, ocorreu a formatura do segundo grupo de alunas (três alunas), celebrada em sala anexa à Escola de Enfermagem Madre Justina Inês. Em 16 de dezembro de 1961, no Salão Nobre do Colégio São José, às 20h, colaram grau mais oito alunas que constituíram a terceira turma. No dia 16 de dezembro de 1962, em uma sala nas dependências da Escola Madre Justina Inês, colou grau a quarta turma de alunas, somando nove. No dia 21 de dezembro de 1963, no Salão Nobre da Escola Normal São José, ocorreu a formatura de 13 alunas. Em 12 de dezembro de 1963, ocorreu a formatura da quinta turma da escola. No dia 24 do mês de fevereiro de 1967, às 10h na Secretaria da Faculdade de Enfermagem Madre Justina Inês da Universidade de Caxias do Sul, ocorreu a formatura de oito alunas. Aos 19 dias do mês de dezembro de 1969, às 9h, na sala do Conselho Universitário da Reitoria da UCS, com a presença do Reitor Virvi Ramos, aconteceu a formatura de mais 11 alunas. Vale ressaltar que no ano de 1966 foi realizado um encontro das ex-alunas, com relatos de experiências e troca de ideias. Até o ano de 1971, já haviam sido entregues 58 diplomas. A primeira formatura, com a presença de alunos-enfermeiros, ocorreu somente em 1983.

dos convidados. Desse modo, o ritual de colação de grau reafirmava o compromisso da aluna com a profissão.

Um aspecto marcante dessa história de formação profissional foi o predomínio de forte cunho moral cristão. Os princípios da instituição, seus valores e a maneira de ensinar revelavam o compromisso com a formação ética, moral e religiosa daquelas alunas na escola.

A escola se manteve neste perfil pelo período de dez anos (1957 a 1967), quando passou a integrar a Universidade de Caxias do Sul, em 15 de fevereiro de 1967, pelo Decreto 60.200. A partir de 28 de dezembro de 1968, a entidade mantenedora passou a ser a Associação da Universidade de Caxias do Sul.

Devido à transferência do curso superior de Enfermagem para integrar a Universidade de Caxias do Sul, a Congregação de São José decidiu vender as instalações. Com isso, ficou registrada a venda, em setembro de 1974,¹⁰ do Hospital Nossa Senhora da Saúde. O autor Brugalli descreve parte de um pequeno histórico elaborado pelo advogado Nelson Gallas, no qual registra as razões da venda do Hospital Nossa Senhora da Saúde, documento que integrou as negociações com os novos proprietários, afirmando que aquela situação foi adotada pela sociedade, já que estava:

premada pela falta de pessoal competente e próprio para a enfermagem e administração, bem como consternada com o tratamento legal que lhe era dispensado, além da falta de recursos capazes de fazer frente às necessidades de reformas e ampliações necessárias ao funcionamento regular do Hospital, cuja demanda aumentava constantemente. (1995, p. 59).

Um novo modelo de curso de graduação em Enfermagem surgiu a partir da anexação da dita escola à Universidade de Caxias do Sul, pois, conforme discurso do reitor Virvi Ramos

a nossa universidade tem, como meta fundamental, uma integração perfeita com a região a que serve e em cuja finalidade foi criada, dentro da cultura e dos serviços a serem prestados à Nação e à Humanidade. Com a universidade, evitaremos a torre ebúrnea do isolamento. Buscaremos a formação das lideranças, com uma consciência social muito viva. (ARQUIVO, 2007, p. 93).

Entretanto, considera-se a partir dessa contextualização a importância da Escola de Enfermagem Madre Justina Inês na implantação e na consolidação do ensino de enfermagem em Caxias do Sul. Procurou-se respeitar suas especificidades, porque cada instituição tem a sua história. Logo, ao se pesquisar a história de uma instituição escolar, o estudo não pode ser

¹⁰ Conforme Brugalli (1995), em setembro de 1974, um grupo de médicos (que já atuavam no hospital) apresentaram uma proposta para adquiri-lo, prevendo um pagamento parcelado em 60 meses, além de um período de carência para as reformas. A proposta foi aceita, sendo vendido, na época, por 6.813.000,00 cruzeiros. (p. 60).

realizado de modo superficial, mas devem ser analisados todos os caminhos, projetos e lembranças possíveis que fazem parte e contam a história de sua identidade e a importância histórica. Conforme Magalhães,

historiar uma instituição é compreender e explicar os processos e os compromissos sociais como condição instituinte, de regulação e de manutenção normativa, analisando os comportamentos, representações e projetos dos sujeitos na relação com a realidade material e sociocultural do contexto. (2004, p. 58).

Considerações Finais

Esta pesquisa mostra o percurso vivenciado pelas Irmãs de São José na instalação, organização e funcionamento da Escola de Enfermagem Madre Justina Inês, no período de 1957 a 1967, assim como a institucionalização da enfermagem como ensino e profissão na cidade de Caxias do Sul. A análise decorreu a partir do empenho empreendido pelas religiosas e pelos médicos para a organização de diversas atividades educacionais (currículo, atividades práticas, ensino teórico-prático e das atividades extracurriculares) demonstrando, através desses elementos, a configuração da escola.

Com o acesso às fontes, foi possível realizar a tessitura da instituição, revelando como foi toda a estruturação do ensino e, conseqüentemente, a profissionalização das enfermeiras em Caxias do Sul, em um primeiro momento. Através dos documentos consultados, conseguiu-se atribuir sentido à leitura, e modelar o objeto de estudo.

Dentre outras possibilidades, afirma-se a relevância da Escola de Enfermagem Madre Justina Inês na qualificação e formação de enfermeiras para a cidade de Caxias do Sul e toda a região da Serra. A continuidade e a afirmação da escola, mesmo posteriormente, como integrante da Universidade de Caxias do Sul, ocorreram devido aos cuidados e regramentos existentes e impostos pelas Irmãs de São José, que procuravam conservar, na escola, um ambiente com vários hábitos como: pontualidade, ordem e aproveitamento máximo do tempo, com o objetivo de disciplinar as alunas.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BRANDALISE, Ernesto. *Das escolas paroquiais à universidade: a Igreja em Caxias do Sul*. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1988.

BRUGALLI, Alvino Melquides. *Vocação para hospedar: trajetória de um hospital/hotel/hospital*. Caxias do Sul: Educs, 1995.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DANTAS, R. A. S.; AGUILLAR, O. M. O. O ensino médio e o exercício profissional no contexto da enfermagem brasileira. *Revista Latino-americana de enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 7, n. 2, 1999.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. *Tecendo nexos: história das instituições educativas*. Bragança Paulista: Ed. d Universitária São Francisco, 2004.

MARTELLO, Aurora. *Irmãs de São José de Chambéry na área da saúde*. 1986. Monografia (Curso de Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC/RS, Porto Alegre, 1986.

MORESCHI, Helena Itália; FÁVERO, Maria Leônida. *Irmãs de São José no Rio Grande do Sul: resgatando aspectos da caminhada (1898-1998)*. Canoas: La Salle, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. 2. ed.: São Paulo Contexto, 2005.

PIZANI, Maria Angelica Pinto Nunes. *O cuidar na atuação das Irmãs de São José de Moutiers na Santa Casa de Misericórdia de Curitiba (1896-1937)*. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

MUNIZ, Diva do C. G. *Um toque de gênero: história e educação em Minas Gerais (1835-1892)*. Brasília: Ed. da UnB; Finatec, 2003.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

SEGALEN, M. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

Referências documentais (consultadas e pesquisadas)

Enf. 001 Relatório da Escola de Enfermagem Madre Justina Inês (Organização, Funcionamento, Planejamento, Implantação e Organização. 1º Relatório 31/12/1957 (1º período).

Enf. 003 Relatório da Escola de Enfermagem Madre Justina Inês (Organização, Funcionamento, Planejamento, Implantação e Organização. Relatório 12/09/1959 (1º período).

Relatório de verificação para efeito de reconhecimento da Escola de Enfermagem Madre Justina Inês, n. 1. 1956.

Jornal Pioneiro: 23/02/1957. Notícia da inauguração da Escola de Enfermagem Madre Justina Inês.

Discurso proferido pelo Reitor Virvi Ramos no ato da inauguração da Universidade de Caxias do Sul, em 1967. *Revista Chronos*, Caxias do Sul: Educ, v. 34, jan./jun. 2007.